

**cR**

Centro  
de Referência  
Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo  
do Centro de Referência Paulo Freire**

**[acervo.paulofreire.org](http://acervo.paulofreire.org)**



InstitutoPauloFreire

Ent - Refere falar no  
fora do diálogo  
RESUMO

EUORA

### *Paulo e Elza meus pais e educadores*

No meu depoimento gostaria de falar da minha experiência de vida com Paulo Freire e Elza Freire relacionando alguns saberes necessários à prática educativa enquanto educadores na família e fora dela:

amorosidade, tolerância, importância da autoridade sem ser autoritário  
importância do diálogo importância de nos reconhecermos seres em construção

Gostaria enquanto filho dos educadores Paulo e Elza Freire de testemunhar na nossa vida em família, a prática desses saberes/valores. É sempre difícil para um filho falar de sua relação com os pais, tendo em vista, não por eles terem sido famosos, mas sim, porque como em qualquer família, cada filho ou filha, tem uma visão própria de sua relação com os pais. Gostaria ainda de comentar um artigo que meu pai escreveu falando do amor pelos seus e de ler um breve comentário de seu amigo Paulo Silveira falando desse artigo.

Lutgardes Costa Freire  
Cientista Social e Membro  
do Instituto Paulo Freire

Lembro-me quando tinha seis ou sete anos, e que vivia no Chile, era de costume dos meus pais receberem muitos amigos brasileiros ou chilenos para almoçarem em casa. durante o fim de semana. Minha mãe preparava então um peixe assado no forno que só ela sabia fazer.

Muitos dos amigos dos meus pais também eram exilados brasileiros, Paulo de Tarso, (Ministro da Educação durante o Governo João Goulart), Plínio de Arruda Sampaio, José Serra, (Atual Ministro da Saúde) Francisco Weffort (atual Ministro da Cultura), Almino Affonso, Fernando Henrique Cardoso (atual Presidente da República) e tantos outros, brasileiros simples e não tão famosos. Existia nessa época uma solidariedade muito forte entre nós brasileiros.

Minha mãe sofreu muito mais do que todos nós durante o exílio, no livro "Memórias das Mulheres do Exílio" ela diz:

“QUANDO SAÍ, senti realmente que não voltaria mais, de maneira nenhuma. Talvez isso me tivesse dado um certo corte não pensar mais em volta nem no que tinha deixado. Viver uma outra vida, diferente que tinha passado. Talvez o momento mais duro tenha sido esse. O momento em que eu saí, deixando o meu pai com a minha mãe, sabendo que não teria mais oportunidade de vê-los e realmente cortando tudo para enfrentar uma nova vida sem dar a mim mesma o direito de pensar na que havia deixado. Era como se tivesse tido a coragem de dizer : não existe daqui pra cá.”

E mais adiante:

“A coisa que realmente a gente sente é no outro dia quando amanheci no Chile, não ter trinta e cinco professores nem 600 alunos que era a população do meu grupo escolar. Isso eu realmente senti. Mas creio que compensei um pouco me realizando com uma coisa que nunca tinha tido: a vivência de dona de casa, mas administrativamente, sabia fazer e mandava que fizessem, mas não fazia, porque tinha o problema da escola, as seis horas de trabalho. Com uma semana de chegada no Chile, tinha geralmente 25,15,30 pessoas para almoçar ou jantar...”

Foi minha mãe e minhas irmãs mais velhas, quem visitou meu pai na cadeia. Foi minha ~~mãe~~ <sup>irmã</sup> quem levava a comida para o meu pai e os outros presos naquela cadeia desumana. Foi minha mãe junto com o meu pai, quem iniciou, testou, e pôs na prática o Método de Alfabetização Paulo Freire que alguns pseudo- intelectuais desenformados ainda consideram como ineficaz e perigoso. Há quem diga no Brasil, que Paulo Freire já era. Quem assim pensa, pensa errado, pois a luta de classes continua, e a história não parou, como dizia meu pai. O neoliberalismo é um sistema capitalista, fatalista, em sua percepção da história, injusto, e desumano em seu cotidiano, contra o qual meu pai tanto brigava.

Fomos exilados, eu tinha cinco anos. Fomos exilados porque acreditávamos na amorosidade. Amor á vida, amor aos homens, amor às mulheres, amor aos oprimidos e aos seus filhos. Paulo Freire dizia na Pedagogia do Oprimido:

“Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho : os homens se libertam em comunhão.”

Mas agora diria eu, isso também não acontece sem uma dose enorme de tolerância, tolerância a qual meus pais sempre cultivaram. Minha mãe conhecia muito bem os limites da tolerância, ela sabia até que ponto era possível trocar idéias com aquela pessoa que no exílio poderia estar fazendo-se passar por outra pessoa. É que no exílio, principalmente no Chile meu pai vinha sendo perseguido. Minha mãe sabia então dizer ao meu pai se essa pessoa era de confiança ou não.

Foi também no exílio que meus pais aprenderam a conviver com a cultura do outro, e isso não é uma tarefa fácil, é uma tarefa que exige tolerância. Minha mãe dizia :

“Para mim o exílio foi muito mais positivo do que negativo. Foi uma outra experiência de vida que serviu para a gente entender mais a vida, se doar mais ao mundo, ter mais compreensão com o outro. Uma abertura maior mesmo, de coração. Enquanto estávamos no Brasil, não tínhamos essa preocupação com o outro assim tão forte.”

Mas, não existe, agora falando no mundo da escola, autoridade sem tolerância. Se o professor ou a professora, não ter a paciência e a compreensão da realidade do aluno, ou da aluna, sem ter a capacidade de ser humilde, para partir do conhecimento da realidade dos alunos, sem essa postura, ele ou ela corre o risco de cair no autoritarismo. Sem essas posturas pedagógicas, o educador perde a sua autoridade e a liberdade se dispersa.

Meu pai e minha mãe em casa sempre tiveram autoridade porque sempre respeitaram a nossa curiosidade diante do mundo. Isso não significa aceitar a curiosidade dos filhos sem nunca dizer “não”. Muito pelo contrário, significa dizer não, quando o pai ou a mãe percebe que os filhos procuram o limite de sua liberdade. É justamente porque há limite, que se torna possível para a criança investigar o mundo, criar a sua criticidade dentro do seu universo e perceber ao longo dessa vivência que “ignorar” sobre um determinado assunto não é sinônimo de burrice. Muito pelo contrário isso significa que primeiro, não posso saber tudo, segundo, tenho certos limites, e portanto cabe a mim reconhecendo estes limites, posso através da minha curiosidade e do meu diálogo com os outros, superar determinados limites.

Isso nos torna seres inacabados, assim como seres em construção. Em construção justamente porque temos consciência que não somos seres acabados, diferentemente dos animais.

Lembro-me agora, quando era criança e que estudava biologia no primário. A prova era sobre a "galinha", e fiquei estudando a anatomia da galinha no livro, e não conseguia memorizar todas aquelas palavras que descreviam a galinha em seu aspecto interno e o seu fenótipo. Depois de uma certa hora, decidi fechar o livro porque estava com muito sono.

Na manhã seguinte, na hora do café, disse ao meu pai que estava preocupado com a minha prova de biologia, pois tinha estudado na véspera até tarde e não tinha conseguido memorizar todas aquelas palavras. Meu pai muito tranqüilamente me disse: Lut, nós temos uma galinha no quintal, por que você não vai observar, pesquisar a galinha? Tirei dez na prova.

O que podemos observar e refletir a respeito desse episódio? Se meu pai fosse autoritário, por exemplo, possivelmente me chamaria de preguiçoso, irresponsável, deveria ter estudado mais, pau que nasce torto, morre torto etc.

No entanto não foi o que ele disse, muito pelo contrário, ele me orientou para observar a galinha, ele me orientou para o que ele chamava de leitura do mundo. A leitura do mundo antecede a leitura da escrita, como ele dizia. Outro aspecto interessante é a questão da memorização nos estudos, memorizar não é estudar. Estudar exige de quem a ele se dedica uma postura crítica, criativa, e principalmente uma postura de distanciamento do objeto de estudo, visando com isso ser capaz de observar as diferentes facetas que aquele objeto de estudo suscita, e depois retornar a esse objeto entendendo agora sim o objeto em si. Entender o objeto em si, implica em desvendar as diferentes implicações políticas, sociais, antropológicas, educacionais, que o objeto suscita.

Não existe educação neutra, como ele dizia, todo discurso, todo pensamento, tem a sua dimensão ideológica, política, não existe discurso no ar, desprendido do mundo e das classes sociais. Meu pai costumava dizer, "nós ensinamos os nossos alunos a lerem livros, mas jamais a lerem o mundo."

Mas é preciso deixar bem claro que, Elza Freire minha mãe foi fundamental na vida e na obra do meu pai. Viveram juntos durante 42 anos, jamais nenhuma mulher chegou a se igualar à minha mãe e à sua

influência. Mas também é importante dizer, que ninguém influencia sem ser influenciado, como ele dizia. Minha mãe foi sempre a primeira leitora dos livros do meu pai.

Quando se casaram meu pai tinha um sonho de se tornar advogado, mas logo desistiu na sua primeira causa, isso porque desde aquela época ele percebia a tremenda injustiça que permeava e ainda permeia na sociedade brasileira. Foi sob a influência da minha mãe que ele começou a trabalhar na área de educação.

Em seu depoimento ela diz:

“Fizemos juntos Paulo e eu, o trabalho de alfabetização no Nordeste. Fiquei com a parte metodológica, com a elaboração da coisa. A paróquia em que morávamos nos cedeu uma sala, reunimos cinco operários que moravam perto e à proporção que íamos elaborando, íamos testando. Como conhecíamos bem a área, o bairro em que vivíamos, isso deu muita possibilidade de ver se dava resultado ou não. Vimos que certas coisas eles não entendiam, eliminamos algumas palavras mais difíceis e percebemos que haveria vantagem em utilizar palavras que tivessem três sílabas e não só duas, pois davam oportunidade de gerar outras palavras.”

É interessante observar que esse pequeno trecho da minha mãe, em seu depoimento, sobre o seu trabalho de alfabetização no Recife, nos lembra o que meu pai em sua última obra, A Pedagogia da Autonomia, chamaria da importância de nos reconhecermos enquanto seres em construção.

Ao mesmo tempo em que meus pais vinham aprendendo com a prática de alfabetização de adultos, errando ali, acertando aqui, ao mesmo tempo delineavam uma trajetória de seres em construção. Por outro lado os operários descobrindo todo esse universo de palavras, palavras que eles próprios construíam, se tornavam cada vez mais seres em construção, sem sequer terem ainda no início uma noção mais clara e definida do que seja, ser um ser em construção.

Em seus últimos escritos meu pai pretendia escrever um livro que falasse de sua relação com os seus filhos e filhas. Passarei agora a comentar um artigo que meu pai escreveu falando do amor pelos seus e de ler um breve comentário de seu amigo Paulo Silveira falando desse artigo.